

ESPAÇO DE EXPRESSÃO: PRODUZINDO E EXPERIMENTANDO DISPOSITIVOS EM SAÚDE NOS MEIOS VIRTUAIS - RELATO DE EXPERIÊNCIA

JACKSON PEREIRA CARDOSO¹; UILAMES LAZARO DA SILVA²; FERNANDO
RODRIGUES³; RITA DE CÁSSIA MACIAZEKI-GOMES⁴

¹ Universidade Federal do Rio Grande – jacksoncardosopsi@gmail.com¹

² Universidade Federal do Rio Grande – uilameslazar@gmail.com²

³ Universidade Federal do Rio Grande – f.rodrigues-@hotmail.com²

⁴ Universidade Federal do Rio Grande – ritamaciazecki@gmail.com

1. INTRODUÇÃO

*“Não sei por onde vou
Não sei pra onde vou
Mas só sei que não vou por aí!”
(José Régio)*

O Espaço de Expressão é uma das conexões agenciadas através do Rizoma “Saúde Mental e Direitos Humanos: Produzindo Estratégias de Cuidado em Rede”, vinculado ao Grupo de Estudos em Saúde Coletiva dos Ecossistemas Costeiros e Marítimos (GESCEM) e ao curso de Psicologia, da Universidade Federal do Rio Grande (FURG). Este dispositivo surgiu em 2018, como uma ação de extensão universitária promovida por alunos bolsistas e professores do Curso de Psicologia da FURG, tendo por objetivo desenvolver ações relacionadas à promoção de saúde e os modos de subjetivação. As atividades coletivas, de cuidado, acolhimento e de escuta, aconteciam em espaços públicos, priorizando a democratização do acesso e o compartilhamento das narrativas dos participantes. Agora, nesses tempos onde pululam as pandemias - sejam elas virais, conservadoras, morais, mortíferas, de violência contra a vida, contra outros modos de existir - outras problemáticas são (im)postas e nos convocam a criar estratégias e dispositivos de promoção de cuidado e saúde em meios virtuais.

A atual situação pandêmica intensifica e produz inúmeros impactos na saúde física e psíquica. De acordo com a Cartilha de Saúde Mental e Atenção Psicossocial na Pandemia de COVID-19, da FioCruz (2020a; 2020b), sentimentos e sensações de medo, tristeza, irritabilidade, impotência, angústia e tédio, assim como episódios agudos de estresse, se tornam recorrentes e até mesmo esperados em um terço a metade das populações que estão expostas a uma epidemia. As ações do Espaço de Expressão também foram e são pensadas a fim de oportunizar espaços de compartilhamento das narrativas, das potências do comum, de experiências acerca das especificidades dos modos de vida de distintos grupos e coletivos que entramos em agenciamento. O dispositivo, nesses dias de pandemia, é um espaço onde as dores e alegrias cotidianas e coletivas podem fluir, ganhando outras intensidades e sentidos.

Como inventar uma linha de fuga, um escape, um transbordo, uma debandada, um estouro que seja e movimento o coletivo em dias onde o imperativo é ‘fique em casa’, ‘faça isolamento’? Como fazer fluir vida em dias tão

¹ Bolsista de Iniciação Científica do CNQp

² Bolsistas de Pesquisa e Extensão EPEC

duros, de tantos cansaços e tão vorazes? Encontramo-nos em um bloqueio (RANIERE; HACK, 2020) que necessariamente precisa ser eclodido. Inspirados por diversas experiências insurgentes e transviadas, partimos de uma aposta para por este Rizoma em movimento: a experimentação, força motriz desse dispositivo que estamos chamando de Espaço de Expressão em tempos de pandemia.

Este trabalho tem como objetivo compartilhar a primeira experiência do Espaço de Expressão em meio virtual, bem como apontar alguns analisadores desencadeados no processo. O trabalho se justifica de modo a produzir novos aportes teórico/práticos, assim como pistas, sobre as intervenções coletivas nos meios virtuais.

2. METODOLOGIA

Este texto é um relato de experiência, vivenciado no dia 18 de maio de 2020, através do projeto de pesquisa e extensão *Espaço de Expressão em tempos de pandemia*. O encontro aconteceu em alusão ao dia Nacional da Luta Antimanicomial e demarcou um posicionamento ético-político em prol do cuidado em liberdade.

Mergulhamos no mar da cartografia, já que é um “método” que acompanha um processo em curso, funcionando a partir de procedimentos concretos desencadeados pelos dispositivos (KASTRUP; BARROS, 2010). A cartografia, embora haja “suas pistas”(PASSOS; KASTRUP; ESCÓSSIA, 2010), não é uma receita, um caminho a ser trilhado, uma fórmula, possibilitando-nos trabalhar e pesquisar junto ao inusitado, aos acontecimentos e ao devir. Tais são as linhas do próprio Espaço de Expressão.

O processo cartográfico demandou a construção de analisadores que nos auxiliam a pensar a experiência e seus desdobramentos. De acordo com BAREMBLITT (2002), os analisadores são “ideias com as quais se pensa, se avalia e se procede frente ao estado contemporâneo das coisas”.

Os dados produzidos, bem como a criação dos analisadores, tornaram-se possíveis através da retomada dos apontamentos dos diários de campo dos autores.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Lançando-se ao mar: O encontro foi marcado para às 20 horas do dia 18 de maio, via plataforma *conferência Web*. A ideia do encontro era experimentar e testar as possibilidades e os desafios dessas plataformas, que não são pensadas e organizadas de modo a possibilitar os fluxos afetivos. Convidamos a comunidade a nos ajudar a agenciar possibilidades através de uma questão mote: “O que pode esse corpo múltiplo, corpo-físico-geográfico-territorial e esse corpo-virtual e como podemos afetá-lo, nesses dias de isolamento, de modo a aumentar nossas potências de pensar e agir?”.

O dia foi de preparo, ensaio, roteiro, nervosismo. Embora já tivessem acontecido muitos encontros do Espaço de Expressão, em seus mais de dois anos de existência, sempre há um novo desafio, sempre nos deparamos com surpresas e com acontecimentos inesperados, sempre sentimos “um frio na barriga”. O encontro, no meio virtual, intensificou todos esses sentimentos. O encontro, ele mesmo, é dessa ordem da desordem, do inusitado e do inespecífico. Como bem nos lembra MERHY et al. (2016) “os sinais que vem da

rua nos convocam a todo instante a um processo de desaprendizagem do já sabido e do já instituído” (MERHY et al. 2016 - grifo dos autores).

Tudo está pronto, é só começar! Abrimos a sala e esperamos as solicitações de entrada. As pessoas começaram a “chegar”. E eis que acontece o primeiro imprevisto, a sala suporta apenas cinco participantes e as solicitações continuam chegando e ninguém conseguindo acessar a sala. Porta fechada. Pessoas esperando. Havíamos planejado todas as falas e os procedimentos, testado as ferramentas da plataforma, mas não imaginávamos esse imprevisto de participantes por chamada. Avisamos as pessoas dos problemas técnicos, pedimos que aguardassem uns minutos, enquanto tentávamos solucionar ou encontrar resposta para o problema. O que ocorreu cerca de uma hora depois. Decidimos, então, trocar de plataforma, algumas pessoas ficaram pelo meio do caminho.

Vocês estão me ouvindo?: Essa, certamente, é a frase mais recorrente nos encontros em ambientes virtuais. A cena se repete nos últimos meses. Estamos sentados no mesmo lugar, nas mesmas posições, com as mesmas caras. “Vocês estão me ouvindo?”, parece-nos, em alguns casos, a tentativa de estabelecer um outro tipo de conexão, a dos afetos. Já sabemos que esses fluem através das redes, que, como o rizoma, “é o lugar onde as coisas ganham velocidade” (DELEUZE; GUATTARI, 1995).

Conseguimos, finalmente, “nos conectar” pela plataforma *Meet* e permitir a participação de todos os interessados. Podíamos dar continuidade a experimentação, nesse momento, toda tentativa de roteiro já tinha “sido lançado ao mar”. Apresentamos o dispositivo do Espaço de Expressão, sua história e os planos do encontro. Em seguida tínhamos como ideia passar um trecho do filme *Fando e Lis* (JODOROWSKY, 1968), utilizando-o como um agenciador. Mais uma vez fomos pegos de surpresa. A reprodução do trecho não deu certo, as pessoas não conseguiram acompanhar o vídeo. Um participante teve a ideia de que cada um pudesse ver o vídeo direto de seus computadores, e assim fizemos.

O silêncio: Todos assistiram ao trecho que, de modo geral, fala sobre transformação, sobre linhas de fuga, invenção. O vídeo termina e - o medo de toda pessoa que está se tornando terapeuta - silêncio. Todos permanecem ‘parados’ olhando-se pela tela. Será que a conexão caiu? Será que a estratégia tomada movimentou alguma coisa? Será que movimentou algum afeto? Em nossa análise tomamos esse acontecimento como algo ativo, como um processo temporal de elaboração do vivido. Como nos lembra PERES (2009) o silêncio pode ser um plano povoado de afetos. Após esse tempo necessário, as falas começaram a circular.

Trabalhar com a imprevisibilidade e com a experimentação é um desafio que nos força a pensar o impensável e esse processo, evidentemente, nos causa desconforto, medo e angústias. Nesses casos é preciso criar linhas intensivas que sejam capazes de sustentar o que propomos.

Tchau pessoal, até a próxima: Quase ao final do encontro colocamos a questão de como “hackear” essas plataformas de reunião, de modo a usá-las a nosso favor, como dar outros usos a esses dispositivos. No encontro, um professor que trabalha com Psicodrama comentou que essas também estavam sendo suas questões, falou sobre algumas técnicas que se tornam bastante complexas de trabalhar de forma virtual. O professor foi provocado a realizar uma experimentação psicodramática, que acabou acontecendo duas semanas depois.

Chegamos ao final do encontro. Tchau pessoal, até a próxima!

4. CONCLUSÕES

A feitura do relato de experiência permitiu construir e apresentar analisadores que descortinam alguns bloqueios inerentes às experimentações de promoção de cuidado e saúde em meios virtuais, os quais se constituem em convites permanentes para lidarmos, de modo coletivo, criativo e horizontalizado, com o inusitado, o devir, desconfortos, acolhimentos e o movimento de redes quentes, entrelaçando direções, descaminhos, vulnerabilidades, potencialidades e afetos.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BAREMBLITT, G. F. **Compêndio de Análise Institucional e outras correntes:** Teoria e Prática, 5ed. Belo Horizonte: Instituto Felix Guattari, 2002

DELEUZE, G.; GUATTARI, F. Introdução: Rizoma. In: _____. **Mil Platôs:** Capitalismo e Esquizofrenia. Rio de Janeiro: Editora 34, 1995. v. 1, p. 11-37.

FIOCRUZ, Fundação Oswaldo Cruz. **Saúde Mental e Atenção Psicossocial na Pandemia COVID-19. Recomendações Gerais.** Rio de Janeiro: Ministério da Saúde, abr. 2020a.

FIOCRUZ, Fundação Oswaldo Cruz. **Saúde Mental e Atenção Psicossocial na Pandemia COVID-19. Recomendações aos Psicólogos para o atendimento online.** Brasília: Ministério da Saúde, abr. 2020b.

JODOROWSKY, A. **Fando y Lis.** 1968. (1h36m). Disponível em:
<<https://www.youtube.com/watch?v=iXWII079qM0>>

KASTRUP, V., & BARROS, R. B. de. Movimentos-Funções do dispositivo na Prática da Cartografia. In Passos, E., Kastrup, V., & Tedesco, S. **Pistas do método da cartografia:** pesquisa-intervenção e produção de subjetividade. Porto Alegre: Sulina, 2010. p. 76 - 91.

MERHY, E.; GOMES, M. SILVA, E.; FRANCO, T. Redes vivas: multiplicidades girando às existências, sinais da rua. Implicações para a produção do cuidado e produção do cuidado em saúde. In ____; BADUY, R.; SEIXAS, C.; ALMEIDA, D.; SLOP JUNIOR, H. (Orgs). **Avaliação Compartilhada do Cuidado em Saúde:** Surpreendendo o Instituído nas Redes. Rio de Janeiro: Hexis, 2016. p. 31-42.

PASSOS, E.; KASTROP, V.; ESCÓSSIA, L. **Pistas do método da Cartografia:** pesquisa-intervenção e produção de subjetividade. Porto Alegre: Sulina, 2010.

PERES, F. S. Com a palavra o silêncio. **Card. Psicanál.** - CRPJ, Rio de Janeiro, ano 31, n. 22, p. 157 - 171, 2009.

RANIERE, E.; HACK, L. Somos nada mais que imagens: Entrevista com Anne Sauvagnargues. **Revista Polis e Psique**, Porto Alegre, RS, v. 10, n. 1, p. 6 - 29, mar. 2020. ISSN 2238-152X. Disponível em:
<<https://seer.ufrgs.br/PolisePsique/article/view/97503/56376>>. Acesso em: 25 set. 2020. doi:<https://doi.org/10.22456/2238-152X.97503>.